

Director/Diretor - Clifton Sundermeyer | Nº 23 | June/Junho 2026 | <https://www.coffee-time-news.org>

# POOGIE BELL

## Past, Present, and Groove

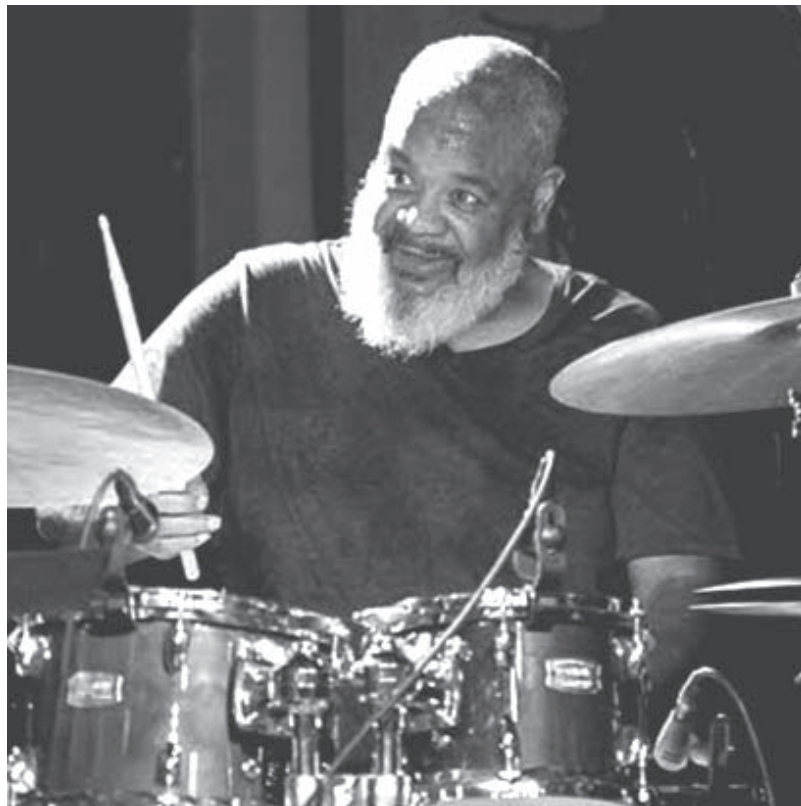
### *Entre o Passado, o Presente e o Groove*

The Coffee Time News team proudly presents to our readers another outstanding drummer who has collaborated with some of the most talented artists in music, including Chaka Khan, Erykah Badu, Phyllis Hyman, and Roberta Flack, among many others. Who are we talking about? Poojie Bell, of course. In an interview that lasted over two hours, he opened up to our student journalists about his career, his approach to drumming, and the life journey that has brought him to the present day — a time that he describes as some of the happiest years of his life. This interview truly has it all: it is informative, engaging, and enlightening, but above all, educational, as Poojie Bell shares his wisdom with us in a way that only he can. Sit back, relax, and enjoy the latest addition to our *Drummers' Corner*: Poojie Bell.

*A equipa do Coffee Time News apresenta com orgulho mais um baterista de excelência, que colaborou com alguns dos artistas mais talentosos da música, incluindo Chaka Khan, Erykah Badu, Phyllis Hyman e Roberta Flack, entre muitos outros. De quem estamos a falar? De Poojie Bell, claro. Numa entrevista que durou mais de duas horas, abriu-se com os nossos alunos jornalistas, falando sobre a sua carreira, a sua abordagem à bateria e o percurso de vida que o trouxe até aos dias de hoje — uma fase que descreve como sendo das mais felizes da sua vida. Uma entrevista completa: informativa, envolvente e esclarecedora, mas, acima de tudo, educativa, já que Poojie Bell partilha a sua experiência e sabedoria de uma forma única. Sente-se, relaxe e desfrute da mais recente edição da nossa Drummers' Corner: Poojie Bell.*

**Constança Simoes:** Jazz music obviously has its roots in black culture, doesn't it? In today's America, do you feel the average black American respects jazz the way it should be respected? If yes, how has jazz helped promote the black community over the decades? If not, what could be done to get jazz back onto black Americans' playlists?

**Poojie Bell:** Wow, okay, that's a mouthful. Well, it's been jazz and blues music for the majority of my life... So, I'm a 60s baby, so through the 60s and 70s, jazz was very important as a social construct. It really was, right? Max Roach, *Freedom Now Suite* was really important... an important soundtrack to the Civil Rights Movement. When we move closer to the 80s, we started to see a shift, right? And the shift, it seems like it almost happened overnight, right? So, there was a guy, actually, he was making records in the 70s, a guy named Creed Taylor and he had a record label called CTI. Bob James, as an example, is on that label. That label kind of specialized in making commercial jazz records. But they were commercial jazz records where people still really played like George Benson and Freddie Hubbard and Ron Carter and a long list of great musicians. So, the playing on those records was really, really good, but the music was commercial and it got to play on the radio. When we move closer to the 80s, there's a heavy shift, right? And now it's almost like, well, I remember Columbia Records, which is owned by Sony now, but it was owned by the CBS Broadcasting Corporation. Overnight, almost everybody on their roster who made traditional jazz



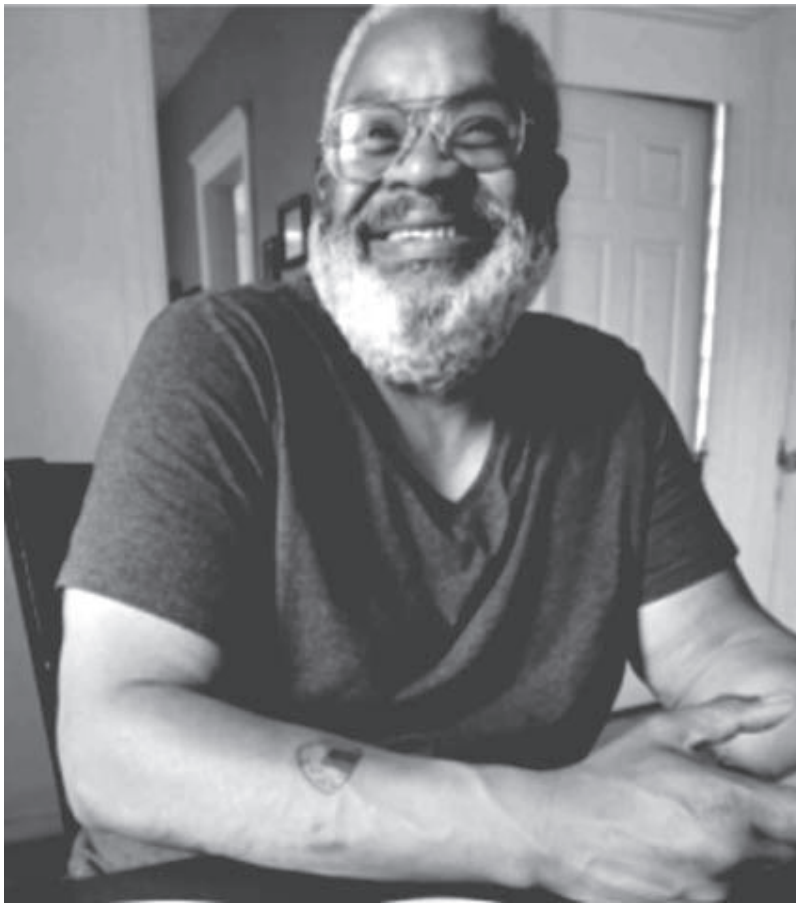
records... all of a sudden they were making commercial jazz records and I mean super commercial jazz records and that went on until Wynton Marsalis got signed by George Butler somewhere in the mid-80s and they treated Wynton Marsalis like he was going to be the savior to the music and I guess in a lot of ways he has been, even though there are a lot of people who can't deal with him very much. I don't know if there's

anything to get real jazz music with real playing... I don't know if there's a market in this world that we live in now that is really going to be receptive to it, you know what I mean? I mean smooth jazz in America is the thing. Now, the irony of smooth jazz is everybody thinks Kenny G of course. The most popular artists in smooth jazz in America are all white musicians. Their fan base is completely black. It's the most ironic thing I

have ever seen. You have smooth jazz musicians like Dave Koz and Brian Culbertson and a whole host of saxophone players among others. There are a few players like Najee and Walter Beasley... there are still some saxophone players who are black, but the overwhelming majority of black people who think they are listening to jazz are actually listening to watered down R&B played by gospel musicians. It's essentially what they're listening to. So, for those black people who are in my age group... and I'm pushing 65... so for people of my age group, and maybe a few years younger, the smooth jazz works for them, because it's essentially just R&B music without the vocals. There's no soloing... there's no real improvisation... no real melodies... in fact, there's a thing here called Sirius XM and they have a station called Watercolors and all it plays is contemporary jazz and smooth jazz. The people who run Watercolors... if there's any solo on your record, it has to be in the fade. It can't be in the middle of the song. All they want is melody, chorus, melody, chorus. They don't even want a bridge. If the music is too aggressive, the radio programmers won't play it. There used to be a time when you could make a jazz record with a song like "Love Vibe", and that song, at one point, would have been considered a commercial jazz song, but now, there would be no way in hell I would be able to get the smooth jazz station to play it. So, the black people in America think they're doing something culturally correct because it says jazz, but it's really just watered down R&B.

**Constança Simões:** É um prazer conhecê-lo Sr. Bell. Só queria dizer que estava a ouvir a música “Love Vibe” e gostei muito dela. O Jazz obviamente tem as suas raízes na cultura negra, certo? Atualmente, na América, pensa que as pessoas negras americanas respeitam o jazz da maneira que ele devia ser respeitado? Se sim, como é que o jazz ajudou a promover a comunidade negra ao longo dos anos? Se não, o que é que pode ser feito para voltar a colocar o jazz nas playlists dos negros americanos?

**Poogie Bell:** Uau, ok, isso foi grande. Bem, tem sido jazz e blues durante a maior parte da minha vida... Então, eu nasci nos anos 60, e durante os anos 60 e 70, o jazz era muito importante, como uma “base” social. Realmente era assim, não era? “Freedom Now Suite”, do Max Roach, era uma banda sonora muito importante durante o movimento dos Direitos Cívicos. Quando estamos a chegar aos anos 80, começamos a ver uma mudança, certo? E a mudança, parece que aconteceu de repente, certo? Então, havia um tipo, na verdade, que fazia discos nos anos 70, um tipo chamado Creed Taylor, que tinha uma empresa chamada CTI. Bob James, é um exemplo de um bom músico que tinha um contrato com esta empresa. Este tipo de empresa era especializada em fazer discos jazz, mas os discos eram vendidos quando as pessoas, como George Benson, Freddie Hubbard e Ron Carter e muitos outros músicos, realmente, tocavam as músicas. Então, tocar estes discos era muito, mesmo muito bom, mas a música era vendida e tinha de tocar na rádio. Quando nos aproximámos dos anos 80 houve uma grande mudança, certo? E agora é quase como, bem, eu lembro-me da Columbia Records, que pertence à Sony, mas pertencia à CBS Broadcasting Corporation, de repente quase toda a gente que fazia discos de jazz tradicional... começou a fazer discos de jazz comercial, o que quero dizer, discos jazz super comerciais e isto foi antes do Wynton Marsalis ter assinado contrato com o George Butler, alguns no meio dos anos 80 e as pessoas trataram o Wynton Marsalis como se ele fosse o salvador da música. E, eu acho que em muitas formas ele o foi, embora haja muita gente que não consegue lidar com ele. Eu não sei se existe música jazz a sério com execução a sério... eu não sei se há algum mercado onde nós vivemos agora que irá realmente aceitar jazz a sério, sabes o que quero dizer? Eu quero dizer o smooth jazz na América é a coisa agora. A ironia do smooth jazz é que toda a gente pensa no Kenny G, claro. Os artistas mais populares de smooth jazz na América são todos músicos brancos. A base de fãs deles é completamente negra. Isto é a maior ironia que eu já vi na minha vida. Tens músicos de smooth jazz como o Dave Koz e o Brian Culbertson e uma grande malta de saxofonistas. Existem poucos músicos como o Najee e o Walter Beasley... ainda há alguns saxofonistas negros, mas a grande maioria da população negra que pensa estar a ouvir jazz, está na verdade a ouvir R&B diluído por músicos de gospel. É essencial aquilo que estão a ouvir. Então, para os negros que estão na minha idade... e eu tenho quase 65 anos... e talvez dez anos mais jovens, o smooth jazz funciona para eles, porque é essencialmente música R&B, mas sem vocais. Não há solos de qualquer instrumento, não



**A life in music is not an easy road, but for those who follow it to the end, it can be deeply rewarding as we discovered in this interview with Poogie Bell.**

**Uma vida dedicada à música não é um caminho fácil, mas para aqueles que o percorrem até ao fim, pode ser profundamente recompensador — como descobrimos nesta entrevista com Poogie Bell.**

há improvisação nem melodias reais. Na verdade, há uma coisa aqui chamada Sirius XM, eles têm uma estação de rádio chamada Watercolors e lá apenas passam música jazz contemporânea e smooth jazz. As pessoas que administram a Watercolors, se houver algum solo na tua música, tem de ficar para o final. Não pode ficar no meio da música. Tudo o que eles querem é melodia, refrão, melodia, refrão. Eles nem querem uma ponte. Se a música for muito agressiva, os programadores de rádio nem a vão passar. Houve tempos em que se podiam fazer uma música jazz como Love Vibe, e essa música, a certo ponto, seria considerada uma música de jazz comercial. Mas agora, não há qualquer hipótese de eu conseguir meter uma estação de smooth jazz a passá-la. Então, a população negra da América acha que está a fazer algo culturalmente correto, apenas porque está lá escrito jazz mas, na verdade, é só R&B diluído.

**Mariana Lopes:** In today's divisive world, does music still have any healing power or the ability to unite people, or has music become as divisive as everything else?

**Poogie Bell:** Well, that's a question for the ages. So, on the one hand, everything seems like it's disposable now. It doesn't even matter. Even the things they say they're going to recycle, oftentimes they dispose of, and they lie to us. So, with music, I think that music is always going to have a way to reach people's souls and their hearts and spirits. When a soccer mom or what you might call a “football mom” is driving her kids to the football match and there is chaos in the car and there are kids everywhere and everybody is making noise, with kids being

kids, a song comes on the radio and everything stops for ten seconds and the mom sings two words to the song which makes the kids listen and that's the magic of music. It can reach you no matter where you are and no matter what's going on. So, when someone says to me that they like my music, it makes me feel good, but if I can get a football mom or someone who is in the midst of whatever turmoil they're going through to stop a for a second, and even if they only absorb five or ten seconds of the music, that's a win and that's huge, so music is always going to be able to pull somebody's heart strings. You can think of a song right now and it reminds you of a place, a friend or something. So, anything that is linked to a memory is always going to be a part of you. You can't dispose of a memory. We have memories we wish we could dispose of, but we don't know how.

**Mariana Lopes:** No mundo dividido de hoje em dia, a música ainda tem algum poder curativo, ou a capacidade de unir as pessoas, ou será que a música se tornou tão divisora quanto tudo o resto?

**Poogie Bell:** Bem, essa é uma pergunta que será sempre relevante. Então, por um lado, parece que tudo agora é descartável. Nem sequer importa. Até as coisas que eles dizem que vão reciclar, muitas vezes livram-se delas e mentem-nos. Então, com a música, eu acho que a música vai sempre ter uma maneira de chegar às almas, aos corações e aos espíritos das pessoas. Quando uma “mãe do futebol” está a levar os seus filhos ao jogo de futebol e há caos no carro, crianças por todo o lado, com toda a gente a fazer barulho, com miúdos a ser miúdos, uma canção começa a

tocar no rádio e tudo para por dez segundos. E a mãe canta duas palavras da canção, o que faz as crianças ouvir, e isso é a magia da música. Consegue chegar a ti em qualquer lugar e em qualquer situação. Então, quando alguém me diz que gosta da minha música, isso faz-me sentir bem, mas se conseguir que uma “mãe de futebol” ou alguém que esteja no meio de um tumulto pare por um segundo, e mesmo que apenas absorvam cinco ou dez segundos da música, isso é uma vitória e é enorme. Então a música vai ser sempre capaz de comover qualquer um. Tu consegues pensar sobre uma canção agora mesmo e faz-te lembrar um sítio, um amigo ou uma outra coisa. Por isso, tudo o que esteja conectado a uma memória vai ser sempre uma parte de ti. Não consegues livrar-te de uma memória. Nós temos memórias que preferíamos esquecer, mas não sabemos como.

**Yuri Sundermeyer:** Music, to me, seems to be a balancing act of the mind and the heart. What I mean is some artists seem to be technically gifted and perform refined music, while others seem to play raw, emotional music... how does a good musician balance the mental part and the emotional part of performing?

**Poogie Bell:** I think the worst thing that any musician can do, especially if they are on stage, is think. I think that's the worst thing that any musicians can do is think. If you've rehearsed and know your music and know everything, you don't want to think, you want to feel the other musicians around you and you want to try to feel the atmosphere in the room. As a musician, you have to play to the people in the room, right? You have to be able to feel the vibe of the room. You have to be able to feel the vibe of the other musicians on the stage with you and most importantly, and what most musicians don't do, you always have to listen... always have to listen, because if you're not listening, you're going to miss something. I did a Broadway show and I'm not a very good sight reader at all. My sight reading of music is pretty bad. This was Broadway show, a one-woman show. It was with Heather Headley, who was in a *Lion King* production and they gave her her own one-woman Broadway show. So, I went to rehearsals for a week with long charts and I'm fumbling the ball and the musical director is screaming at me, but I am absorbing the music. They're reading the music while I'm absorbing the music, so by the time we get to the gig, now I'm really playing the music and there's all these charts written out, but I start to be a jazz musician and I start to improvise. I start playing extra hits and finding extra things. Why did I find those things? Because I absorbed the music and I listened to everything and when you listen to everything you'll find a pocket, a place, a space that other musicians won't find, but you got to be willing to listen. Ray Charles told me something one time and it's probably the most impactful thing I could say to any young musician... now, this is at true story... while I was working with Roberta Flack, Ray Charles was closing a show and he was standing by the side of the stage with the man who walked Ray around and I said, “Hello, Mr. Charles. My name is Poogie Bell and I just want to thank you for everything you've ever done in music and I just wanted

to greet you.” I just wanted to meet him. It’s Ray Charles! The one and only time I’ll ever get to see this man! Now, do you know what he said to me? He said, “Son, I’ve got a question for you.” I answered, “Okay, Mr. Charles. What’s the question?” He said, “Well, you know son, every style of music has a soul.” I responded, “Yes, sir. Every style of music has got a soul.” But then he said this, “But here’s the thing, can you surrender your soul to the music?” He asked that, and the announcer said, “Ladies and gentlemen, Ray Charles!” And he walked away, and I just stood there like, “What just happened?” It was like the most *what-the-hell*, reflective thing that someone could walk up and say to you: “Can you surrender your soul to the music?” Damn! But his point was that you have to be able to turn your ego off; you have to be able to turn off your anger; and you have to be able to turn off your fear if you’re going to get to all the music that’s deep inside your soul. Any music you love by any artist—trust me—that’s their soul speaking to you.

**Yuri Sundermeyer:** *A música, para mim, parece ser um ato de equilíbrio da mente e do coração. Eu quero dizer que alguns artistas parecem ser dotados e tocam música refinada, enquanto outros parecem tocar música emocional... como é que um bom músico equilibra a parte mental e a parte emocional de atuar?*

**Poogie Bell:** *Eu acho que a pior coisa que qualquer músico pode fazer, especialmente se estiver num palco, é pensar. Eu acho que é a pior coisa que qualquer músico pode fazer. Se tu ensaiaste e conheces a tua música, tu não queres pensar, tu queres sentir os outros artistas à tua volta e queres sentir a atmosfera na sala. Como músico, tens de tocar para as pessoas na sala, certo? Tu tens de ser capaz de sentir a energia da sala. Tu tens de ser capaz de sentir a energia dos outros artistas no palco contigo, é o mais importante e o que a maioria dos músicos não faz, tu tens sempre de ouvir... tens sempre de ouvir, porque se não estiveres a ouvir, tu vais perder algo. Eu fiz um espetáculo da Broadway e não sou um bom leitor de partituras. Isto era um espetáculo da Broadway, um espetáculo de uma mulher. Foi com a Heather Headley, que esteve numa produção do Rei Leão, e eles deram-lhe o espetáculo de uma mulher da Broadway. Então, fui a ensaios durante uma semana com gráficos longos e, quando estou a atrapalhar-me, o diretor musical está a gritar comigo, mas eu estava a absorver a música. Eles estão a ler a música, enquanto eu estou a absorver a música, então quando chega a altura do show, estou mesmo a tocar a música e há todos estes gráficos. Mas eu começo a ser um músico de jazz e improviso. Começo a tocar “hits” extra e a encontrar mais coisas. Porque é que eu encontrei essas coisas? Porque absorvi a música e ouvi tudo, e quando tu ouves tudo, vais encontrar um sítio, um espaço que os outros artistas não vão encontrar, mas tu tens de estar disposto a ouvir. O Ray Charles disse-me algo uma vez, e é provavelmente a coisa mais impactante que eu poderia dizer a um músico jovem... isto é uma história verdadeira... enquanto eu estava a trabalhar com a Roberta Flack, o Ray Charles estava a terminar um espetáculo e estava ao lado do palco com o homem que levava o Ray e eu disse “Olá, Sr. Charles. O meu nome é Poogie Bell, queria agradecer-lhe por tudo*

*o que você fez na indústria musical e queria cumprimentá-lo” Eu apenas queria conhecê-lo. É o Ray Charles! Era a única vez que eu irei ver este homem! Agora, sabes o que ele me disse? Ele disse “Miúdo, eu tenho uma pergunta para ti.” Eu respondi “Okay, Sr. Charles. Qual é a pergunta?” Ele disse, “Bem, sabes miúdo, cada estilo de música tem uma alma.” Eu respondi “Sim, senhor. Cada género de música tem a sua alma.” Mas depois, ele disse isto, “Mas diz-me isto, consegues render a tua alma à música?” Ele perguntou isso e o anunciador disse, “Senhoras e senhores, Ray Charles!” Ele foi atuar e eu fiquei ali tipo, “O que é que acabou de acontecer?” Foi a coisa mais chocante e refletiva que uma pessoa podia dizer-te: “Consegues render a tua alma à música?” Mas o objetivo dele era que tu tens de ser capaz de desligar o teu ego; tu tens de ser capaz de desligar a tua raiva; e tu tens de ser capaz de desligar o teu medo se tu vais chegar à música que está no fundo da tua alma. Qualquer música que adoras por qualquer artista -confia em mim- isso é a alma deles a falar para ti.*

**Rita Carneiro:** Are you optimistic or pessimistic about the use of AI in music? Will we adapt to it or does it mark the end of music as we know it?

**Poogie Bell:** Oh, Lord Jesus! Anything that makes money in the music business... it doesn’t matter what it is, people are going to do it. AI is going to... has already changed everything. The last AI artist had the #1 single... a country and R&B are all AI and the R&B one, whoever wrote the lyrics for the vocals, just signed a three-million-dollar record deal. So, anything that makes money, where you can eliminate other people that you don’t have to pay health insurance, you don’t have to pay retirement to, in the music business or any business, they’re going to do it. And now, AI is going to replace a whole bunch of jobs, but it’s hard for me to feel anything largely because since the 80s I’ve been battling drum machines and drum computers, you know what I mean? And the drum computers changed the way I played, right? It dawned on me if I was going to work, I had to sound more machine-like, because that was what everyone was dancing to. So, I had a whole bunch of drummers in the 80s who said, “Oh man, Poogie sounds like a drum machine.” I said, “Yeah, but I’m working.”

So, every musician’s quest is to work! Every corporation’s quest is to eliminate as many people as possible to make as much profit as possible. AI has done that. It’s going to continue to do that. I tell all my friends that if you’re smart, you’re going to learn how to use AI. There’s no turning back now. A lot of things are about to go the way of the typewriter. So, AI’s effect is here. It’s going to be forever.

I watched an artist from London today talking about AI online and how she was so hurt. She said the BBC, British Broadcasting Corporation, how millions of people, singers, send songs to them all the time and plead, “Play my song! Play my song!” And now they are adding AI songs on Spotify. Let’s say you are listening to some kind of instrumental station... half of those songs now are AI and they are owned by Spotify, so they can make the money. So, it’s

about cash; it’s about money. Art has always been in a fight with corporations and nothing has changed. I don’t know if I feel good, bad, or indifferent about it. It is what it is. You have to figure out if you’re going to be in the business and be in the music game... you have to find a way to survive.

**Rita Carneiro:** *Está otimista ou pessimista em relação ao uso de IA na música? Iremos adaptar-nos ou isso marca o fim da música como a conhecemos?*

**Poogie Bell:** *Oh, meu Deus! Tudo o que faça dinheiro no mundo da música... Não importa o que seja, as pessoas vão usá-lo.*

*A IA vai... já mudou tudo. O artista IA mais recente chegou ao 1.º lugar com o seu single...*

*os artistas de country e R&B são todos IA e o de R&B, quem quer que seja que escreveu as letras para as canções, acabou por assinar um contrato de gravação de três milhões de dólares. Então, tudo o que faça dinheiro, onde tu podes eliminar pessoas a que não tenhas de pagar um seguro, a que não tens de pagar a reforma, na indústria da música ou em qualquer indústria, eles vão fazê-lo. E agora, a IA vai substituir imensos empregos, mas é difícil eu sentir alguma coisa, em grande parte porque desde os anos 80 que tenho competido com caixas de ritmo, sabes o que quero dizer? E elas mudaram a maneira como eu tocava, certo? Eu dei conta que se eu ia trabalhar, tinha de soar mais como uma máquina, porque toda a gente estava a dançar ao som disso. Então, houve imensos bateristas nos anos 80 que disseram “Bem, Poogie, soas como uma caixa de ritmo.” Eu dizia “Pois, mas pelo menos eu estou a trabalhar.”*

*Então, o objetivo de qualquer músico é trabalhar! O objetivo de todas as corporações é eliminar o máximo de pessoas possível, para maximizar os seus lucros. A IA fez isso. Vai continuar a fazer. Eu digo a todos os meus amigos que, se são espertos, terão de aprender a usar IA. Não há como voltar atrás. Muitas coisas vão seguir o caminho da máquina de escrever. Então, os efeitos da IA estão aqui. Vai ser assim para sempre. Hoje eu vi uma artista de Londres a falar sobre IA online e como ela estava tão perturbada! Ela disse à BBC, Corporação de Transmissão Britânica, que milhões de pessoas lhe mandam canções, e todos esses cantores imploram: “Toquem a minha canção! Toquem a minha canção!” E agora estão a adicionar canções de IA ao Spotify. Vamos dizer que estás a ouvir alguma estação instrumental... metade dessas canções são IA agora e são propriedade do Spotify, então eles podem lucrar com isso. É tudo por causa do dinheiro. A arte sempre esteve numa luta com as empresas e nada mudou. Eu não sei se acho bem, mal ou se me sinto indiferente em relação a isso. É o que é.*

*Tens de perceber que, se vais estar nesta indústria e no jogo musical... tens de descobrir uma forma de sobreviver.*

**Mariana Lopes:** Mr. Bell, I have heard that conflict can create new ideas and stimulate creativity. Would you agree with this? Do you have any examples of this in your career?

**Poogie Bell:** Oh, yeah! I can’t tell you the number of women who have made me write a song. Heart break, arguments, conflicts...sure!

I think that creative people can take anything and make something creative out of it, just

like a chef. Some of the best songs I’ve ever written have been for my wife. Undoubtedly, because I love her so much. It’s amazing when you can express yourself in that manner towards a thing, a person or an event! It’s an amazing feeling. Conflict can create creativity. Love can create creativity. Death can create creativity. Sunlight can create creativity. I don’t think there are any borders on one’s creative thought process or flow. Anything can be an inspiration to want to make music. “War... what’s it good for... absolutely nothing.” That was a conflict song. There have been war and peace songs forever. There always will be, I think. So, yes, it can and will and does.

**Mariana Lopes:** *Senhor Bell, eu ouvi dizer que os conflitos podem criar novas ideias e estimular a criatividade. Concorda com isso? Tem algum exemplo disso na sua carreira?*

**Poogie Bell:** *Oh, sim! Eu não consigo dizer-te o número de mulheres que me fizeram escrever uma canção. Coração partido, discussões, conflitos... claro! Eu penso que as pessoas criativas podem tirar proveito de qualquer coisa e fazer disso uma coisa criativa, tal como um chefe. Algumas das minhas maiores canções de sempre foram escritas para a minha esposa. Sem dúvida, porque eu adoro-a muito. É incrível quando te consegues expressar sobre uma coisa, pessoa ou evento dessa forma. É um sentimento incrível. O conflito pode criar a criatividade. O amor pode criar criatividade. A morte pode criar criatividade. A luz do sol pode criar criatividade. Eu não penso que existem quaisquer limitações no processo criativo ou no fluxo criativo. Qualquer coisa pode ser uma inspiração para criar música. “Guerra... é bom para quê?... absolutamente nada.” Isto é uma música inspirada no conflito. Sempre existiram músicas de guerra e de paz. Irão sempre existir, acho eu. Então, sim. Pode ser, poderá ser e é.*

**Laura Soares:** How do you write your lyrics or songs? What is the most interesting way you have ever seen someone go about composing or writing new music?

**Poogie Bell:** Okay. Something really has to happen for me to sit down to write lyrics. I am not a lyric writer... to come up with a groove or to come up with chords and that kind of stuff. I’m really good at that and it comes to me really quick and I’m blessed that it does. Lyric writing takes a special skillset. Let’s go back to the last question about AI. Now, in recording studios in America, major artists, when they get stuck on lyrics, they say this is our lyrics and they put it in AI and AI writes the rest of their lyrics for them. To answer your question, I don’t think there is one good way. However, it is you get to the song is a good thing. It’s hard with something organic and natural to say that I saw someone do this and went on to do that and went on to do another thing. Sometimes a song starts out with one note and a snare drum, so everybody method is unique and different.

**Laura Soares:** *Como é que você escreve as suas letras ou músicas? Qual é a forma mais interessante que já viu escrever ou compor uma nova música?*

**Poogie Bell:** *Okay. Alguma coisa tem mesmo de acontecer para eu me sentar e escrever as letras. Eu não sou um escritor de letras. ...*

para inventar um ritmo ou acordes e esse tipo de coisas, já sou realmente bom, as ideias vêm ter rapidamente comigo e sou abençoado por isso acontecer. Escrever letras necessita de capacidades muito específicas. Vamos voltar para a última questão sobre IA. Agora, os estúdios de gravação na América, quando a maioria dos artistas encrava a escrever as letras, eles dizem que estas são as letras deles e põem nas na IA e a IA escreve o resto das letras por eles. Para responder à tua pergunta, eu não acredito que exista só um caminho para escrever música. Contudo, qualquer forma de ter a canção é uma boa forma. É difícil, com algo orgânico ou natural, dizer que alguém segue isto de forma fixa. Às vezes, as canções começam com uma nota e uma batida de tambor então o método varia muito de pessoa para pessoa, cada um é único e diferente.

**Laura Soares:** What is the first thing you do when you try to compose new music?

**Poogie Bell:** The first thing is I hope that I had a good idea. When you're writing a song, when you sit down to the piano and have this great idea for a song and start to play and then you go, "Maybe that wasn't such a great idea", but then it turns into something else. I think the most important thing that any composer can do is follow the music. If you set out to do a rock song, but now it's turned into a reggae song... well, let it be a reggae song. If it was supposed to be a dance song, and not it's a waltz, let it be a waltz. I think the smartest thing any composer can do is follow the music and don't try to force an idea. You can't put a square peg into a round hole, so always follow the music and let it guide you.

**Laura Soares:** Qual é a primeira coisa que faz quando tenta compor música nova?

**Poogie Bell:** A primeira coisa que eu faço é esperar ter uma boa ideia. Quando estás a escrever uma canção, quando tu te sentas à frente do piano e tens uma ótima ideia para uma canção, comesas a tocar e depois dizes "Talvez não tenha sido uma ideia tão boa", mas depois disso torna-se noutra coisa. Eu acho que a coisa mais importante que um compositor pode fazer é seguir a música. Se tu decidiste fazer uma canção de rock, mas agora tornou-se numa canção de reggae... bem, deixa-a ser uma canção de reggae. Se era suposto ser uma canção para dançar, e não é uma valsa, deixa-a ser uma valsa. Eu acho que a coisa mais esperta que qualquer compositor pode fazer é seguir a música e não tentar forçar uma ideia. Uma peça quadrada não vai encaixar num buraco redondo, então segue sempre a música e deixa-a guiar-te.

**Yuri Sundermeyer:** If I got my research right, you have played some Miles Davis music. Miles Davis seemed to have played forever and adapted with each musical trend. If he were alive today, what do you imagine Miles Davis would be doing in today's musical landscape?

**Poogie Bell:** I don't know what school you go to, but you got some good questions. All right, check it out. First of all, I did not work with Miles Davis. I wish I had. My big brother, Marcus Miller, worked with Miles Davis and produced his records, and spent time with him on the road. So, the closest I ever got to Miles Davis would be my big brother, Marcus Miller.

What do I think Miles would be doing now?

When Miles passed in 1991 or 1992, or something like that, Miles's last record was a hip hop record. So, I think Miles Davis right now would be making Afro-pop or Afrobeat. I think he would be making current music, because one of the things I always loved about Miles Davis is he would say is, "Well, I grew old... ", right, everybody grows old, but he didn't let his ears grow old. He was still willing to listen to all styles of music and the proof lays in the fact his last record was a hip hop record. When he was alive, the last album he did was a hip hop record, so I think he would be doing whatever is current and that's what I think Miles would be doing in his own unique way.

**Yuri Sundermeyer:** Se a minha pesquisa está correta, já tocou música do Miles Davis. Miles Davis parecia que tocava desde sempre e adaptava-se a cada tendência musical. Se ele estivesse vivo, o que é que imagina que ele estaria a fazer no cenário musical de hoje em dia?

**Poogie Bell:** Não sei em que escola é que andas, mas tens boas questões. Bem, antes de mais, eu não trabalhei com o Miles Davis, mas gostava de o ter feito. O meu irmão mais velho, Marcus Miller, é que trabalhou com ele, produziu os seus discos e passou algum tempo com ele na estrada. Então, o mais próximo que eu alguma vez estive do Miles Davis foi através do meu irmão mais velho, Marcus Miller. O que é que eu acho que o Miles estaria a fazer agora? Quando o Miles morreu em 1991 ou 1992, ou algures por aí, o seu último disco tinha sido de hip-hop. Então, penso que agora o Miles Davis estaria a produzir música do género Afro-pop ou Afrobeat. Acho que ele estaria a fazer música atual, porque uma das coisas que eu sempre adorei no Miles Davis era que ele dizia: "Bem, envelheci... ". Certo, toda a gente envelhece, mas ele não deixou que os seus ouvidos o fizessem. Ele continuava disposto a ouvir todos os estilos de música e a prova disso foi o seu último álbum, que foi de hip hop. Quando era vivo, o seu último álbum foi de hip hop, então, acho que ele estaria a fazer o que quer que seja atualmente... e é isso que acho que o Miles estaria a fazer à sua própria e única maneira.

**Constança Simões:** How do others in the jazz field describe you and how do you like to describe yourself?

**Poogie Bell:** Well, you know, the people in the jazz community have always had a bit of a problem with me, because I can play traditional straight-ahead jazz and I can play funk and I can do both equally well. Here's a lie detector test for jazz drummers... ask them to play a funk beat. When a lot of jazz musicians see that you can do both, they don't know how to feel about you, because they spent so much time doing one thing. I grew up in New York City, so it was important to be able to play a whole bunch of different styles of music in order to survive. New York is very, very expensive. When I see musicians now and they say, "I'm a hip-hop musician!" Or they declare, "I'm a rock musician!" Or, "I'm a blah-blah-blah musician." Whatever it might be, I ask if what they are saying is that if a country artist calls them right now and offered ten thousand dollars a week that they are going to say, "I don't play country." Or, imagine Bob Marley came back from the dead and said, "Hey, you want to play?" Are they going to say, "Hey Bob, I

don't play reggae!" So, I think it's stupid and you are putting limits on yourself when you say that you just don't play certain styles. Music is a big business. There are many styles of music and there are many things behind the scenes and different ways you can make money in music. So, to say that I just "do this" or whatever you might say... for me, I just think of myself as a musician and whoever is going to pay me the most money, I'm going to figure out how to play the music and I don't care what style of music it is. I had to do a drum clinic in China and I had to play heavy metal and I didn't know crap about heavy metal, but by the time I was finished playing people were saying, "Wow! I didn't know he played heavy metal! I didn't know he was a metal drummer." Another thing is I really don't think about what other musicians are thinking about me. There's always going to be people talking and I always found those people annoying and the majority of them, when they sit down to play their instrument, oftentimes they weren't all that talented, so instead of talking about others, why don't you go home and practice. Why don't you get good at what you say you are and what you do instead of talking about other people who put in the work, who did the work and spent the time and are now making a living. So, that's what I think other jazz musicians are thinking sometimes.

**Constança Simões:** Como é que outras pessoas na indústria de jazz o descrevem, e como gosta de se descrever?

**Poogie Bell:** Bem, tu sabes, os membros da comunidade de jazz sempre tiveram um probleminha comigo, porque eu consigo tocar jazz tradicional diretamente e também consigo tocar funk, toco ambos igualmente bem. Aqui tens um teste de deteção de mentiras para um baterista de jazz... pede-lhe para tocar uma batida funk. Quando muitos músicos de jazz vêem que consegues fazer ambos, não sabem como se sentir em relação a ti, porque passaram muito tempo a fazer a mesma coisa. Eu cresci em Nova Iorque, então era importante ser capaz de tocar imensos estilos diferentes de música para sobreviver. Nova Iorque é muito, muito caro. Quando eu vejo músicos agora eles dizem "Eu sou um músico de hip-hop!" Ou eles declaram, "Eu sou um músico de rock!" Ou, "Eu sou um músico de bla-bla-bla." O que quer que seja, eu pergunto-me se o que eles estão a dizer é que se um artista de country os chamasse agora mesmo e oferecesse dez mil dólares por semana, eles diriam "Eu não toco country." Ou, imagina que o Bob Marley voltava à vida e dizia, "Hey, queres tocar?" Será que diriam "Hey Bob, eu não toco reggae!" Então, eu acho que é estúpido e que estás a limitar-te quando dizes que não tocas certos estilos. A música é um negócio enorme. Existem muitos estilos de música, muitas coisas nos bastidores e maneiras diferentes para tu fazeres dinheiro com a música. Então, dizer que eu apenas "faço isto" ou o que quer que digas... para mim, apenas me considero um músico e toco para quem me pagar mais dinheiro! Eu vou descobrir como tocar a música e não quero saber qual é o estilo da música. Tive de fazer uma clínica de bateria na China e tive de tocar heavy metal, (e eu não sabia nada sobre heavy metal), mas quando terminei de tocar, as pessoas disseram, "Wow! Eu não sabia que

ele tocava heavy metal! Eu não sabia que ele era um baterista de heavy metal." Outra coisa que eu realmente não penso, é sobre o que os outros músicos pensam sobre mim. Não haver sempre pessoas a falar e sempre as achei irritantes. E a maioria delas, quando se sentam para tocar o seu instrumento, muitas vezes não são assim tão talentosas. Então, em vez de falar sobre os outros, porque é que não vais para casa praticar? Porque é que não melhoras nas coisas que dizes que és bom e no que fazes, em vez de falares sobre outras pessoas que se esforçam no trabalho, que passam o seu tempo a fazer o seu trabalho e que agora estão a receber dinheiro disso? Então, isso é o que eu acho que outros músicos de jazz pensam, às vezes.

**Rita Carneiro:** When we study musicians from the 20th century, getting to the New York scene always seems to be a priority for them. Does New York still have that mystique in 2025, or has that changed? Which city's music scene do you dig most?

**Poogie Bell:** Wow, that is a hard one! The New York City music scene is always evolving. It never stays the same. It's always evolving. I think if anything on the jazz side, some of the younger players, they're good, but there's such a small handful of people who actually seem to be saying something on their instruments. There's a club in New York that they play on YouTube all the time called Smalls Jazz Club and everybody probably watches it and they think that that is New York City jazz. It's the furthest thing from New York City jazz. It's just on YouTube. And the playing there is just so-so. Sometimes they have really good people there, but the young musicians now and who I listen to, some of them I'm impressed with, but a lot of them just don't move me. Concerning America's cities and their scenes, you essentially have four places if you're going to make a living. You have New York. You have Los Angeles and Chicago and Nashville. And you got Atlanta a little bit if you can break in. Each place is completely different. In Los Angeles, politics are very, very much there and determine your fate. Let's say a person does sessions for Disney... that person is absolutely never going to give you any information on how they got that job. That's just never going to happen. It's just politically incorrect. The person is not going to help you. New York, you might find people who are a little more willing to help, because there's a lot more people, and in Manhattan, there's so many people close to each other. So, you can find a lot of opportunity to do things. Now, I don't know how much you're going to make, but you can find a lot of opportunities in New York City. My son is a musician. He's twenty-three. He is in New York. Struggling, but working, but struggling, you know what I mean? Chicago... the Midwest music scene is very, very unique. If you're not from there, I don't know how you would get a gig there. Nashville... very, very white. Very, very different. They have their own charts and they write music differently from the rest of the world and if you do a session, you have to be really, really fast. They're not big on doing second or third takes. Atlanta... big gospel music scene and still a lot of hip hop bands, a lot of R&B bands will come out of Atlanta. I don't know. I guess

if I had to pick one, I would pick New York, because that was where I grew up, so I understand it, but I would never move to Los Angeles... ever. It's too different. Are you thinking about moving to the USA, Rita?

**Rita Carneiro:** I would like to.

**Poogie Bell:** What city would you move to?

**Rita Carneiro:** Maybe to New York.

**Poogie Bell:** Well, I'll put it to you this way... you can't go wrong with New York City, but make sure you take a lot of money with you. Very, very, very, very expensive.

**Rita Carneiro:** Quando estudamos os músicos do século XX, chegar à cena de Nova Iorque parece ser uma prioridade para eles. Nova Iorque ainda tem essa mística em 2025 ou isso mudou? Qual é a cidade que você mais gosta no meio musical?

**Poogie Bell:** Uau, isso é difícil! O âmbito musical da cidade de Nova Iorque está em constante evolução. Nunca permanece o mesmo. Sempre a evoluir. Eu acho que, se há alguma coisa no lado do jazz, é que alguns dos músicos mais jovens, que são bons tecnicamente, mas são pouquíssimos aqueles que realmente parecem dizer algo nos seus instrumentos. Há um clube em Nova Iorque em que eles estão sempre a transmitir concertos no YouTube, que se chama Smalls Jazz Club, toda a gente que o vê provavelmente acha que é o jazz da cidade de Nova Iorque. Mas, na verdade, é o oposto do jazz de Nova Iorque. Está apenas no YouTube. E a qualidade é mais ou menos, de vez em quando, há pessoas muito boas, mas os jovens e quem eu oiço agora, alguns deles impressionam-me, mas muitos deles simplesmente não me comovem.

Em relação às cidades americanas e as suas cenas, tens essencialmente quatro sítios se quiseres fazer disso vida. Nova Iorque, Los Angeles, Chicago e Nashville, e um pouco de Atlanta se te conseguires integrar. Cada lugar é completamente diferente. Em Los Angeles, a política está muito lá e determina o seu destino. Digamos que uma pessoa faça sessões para a Disney... de certeza que a pessoa nunca iria dizer como conseguiu o trabalho. Isso nunca irá acontecer. É politicamente incorreto. A pessoa não te vai ajudar. Em Nova Iorque, podes encontrar uma pessoa que esteja um pouco mais disposta a ajudar. Tal como em Manhattan, porque existem mais pessoas num espaço mais pequeno. Então, tu podes encontrar muitas oportunidades. Agora, eu não sei quanto é que poderás ganhar, mas podes encontrar muitas oportunidades em Nova Iorque. O meu filho é músico. Ele tem 23 anos e está em Nova Iorque, a lutar, mas a trabalhar. Entendem o que quero dizer? Chicago... a música do centro do país é única, muito única. Se não forem de lá, não sei se conseguem arranjar trabalho. Nashville... muitas, muitas pessoas brancas. Muito, muito diferente. Eles têm a sua própria maneira de escrever música, diferente do mundo todo e se fores a uma sessão, tens de ser mesmo, mesmo rápido. Eles têm os seus próprios tops e escrevem música de uma forma diferente do resto do mundo e, se fizeres uma sessão, tens de ser mesmo, mesmo rápido. Eles querem que a gravação saia sempre bem à primeira. Atlanta... tem uma grande cena de música gospel e ainda hoje saem de lá muitas bandas de hip hop e muitas bandas de R&B. Não sei... se tivesse de escolher uma cidade, escolheria Nova Iorque, porque foi



**We learned that Poogie began playing on stage at a young age, as this newspaper clipping shows in this charming photo of a young Poogie with his father, Charles Bell.**

**Ficámos a saber que Poogie começou a tocar em palco desde muito jovem, como mostra este recorte de jornal com esta encantadora fotografia de um jovem Poogie ao lado do seu pai, Charles Bell.**

lá que cresci e é uma realidade que conheço bem, mas nunca me mudaria para Los Angeles... nunca. É demasiado diferente. Estás a pensar mudar-te para os Estados Unidos, Rita?

**Rita Carneiro:** Gostava, sim.

**Poogie Bell:** Para que cidade te mudarias?

**Rita Carneiro:** Talvez para Nova Iorque.

**Poogie Bell:** Bem, digo-te isto... com Nova Iorque não há como errar, mas certifica-te de que levas muito dinheiro contigo. É muito, muito, muito, muito caro.

**Mariana Lopes:** New York has several renowned jazz venues. Have you played at any of the following: Birdland, Village Vanguard, Blue Note or the Apollo Theater? If I were to visit New York and could only go to one of them, which would you recommend?

**Poogie Bell:** Oh, well, first of all, I have played all of them. Second of all, I guess it all depends on who's playing in the club. You know what I mean? All of the clubs you just

mentioned, well, except for Birdland, which is up in Midtown, all of the other clubs are in the Village. So, you can be in the Village Vanguard and catch a set there and then catch a cab that's a two-minute cab ride and be at the Blue Note and see another group there. So, if you're in the Village, you can club hop. If you are at Birdland, you'd be in Midtown, which is different. If I had to pick one for an authentic New York jazz experience, I would pick the Village Vanguard, because it's been around for so long, and so many famous people played there, and it still looks exactly the same from the 60s. It's crazy.

**Mariana Lopes:** Nova Iorque tem vários locais de jazz famosos. Já tocou alguma vez em algum destes locais: Birdland, Village Vanguard, Blue Note ou no Apollo Theater? Se eu fosse visitar Nova Iorque e só pudesse ir a um deles qual recomendaria?

**Poogie Bell:** Oh, bem, antes de mais, já toquei em todos eles. Depois, acho que depende de quem está a tocar no clube. Enten-

des o que quero dizer? Todos os clubes que mencionaste exceto Birdland, que fica em Midtown, todos os outros ficam na Village. Portanto, podes estar no Village Vanguard e assistir a um espetáculo, depois apanhar um táxi, que demora dois minutos e ir ao Blue Note ver outro grupo a tocar. Se estiveres na Village, podes saltitar de clube em clube. Se estiveres no Birdland, em Midtown, é diferente. Se eu tivesse de escolher um deles para uma experiência autêntica de jazz em Nova Iorque, escolheria o Village Vanguard, porque existe há muito tempo e já lá tocaram muitas pessoas famosas. E continua a ser exatamente o mesmo desde os anos 60. É impressionante.

**Constança Simoes:** We are living our lives in the pursuit of happiness... other than music, what else has brought you the greatest happiness in life?

**Poogie Bell:** Wow! I never got asked anything like that before. The thing that has probably made me the happiest... that would probably be the birth of my son and my marriage to my wife have probably been the greatest achievements in my life. I've been playing the drums professionally since the age of two years and six months, so I've been playing the drums my entire life. When you do something and it's like walking and breathing, I don't think of playing the drums as an accomplishment. I just think it's something that I've done and been blessed to do and to be able to see the world, even though I haven't been to Portugal. My greatest accomplishment and my greatest victory would be that fact that this year I'm celebrating twenty-five years of marriage and my son's twenty-three, so I'm feeling pretty good about myself in those regards.

**Constança Simões:** Vivemos a nossa vida em busca da felicidade... para além da música, o que mais lhe trouxe felicidade na vida?

**Poogie Bell:** Uau! Nunca me perguntaram nada assim antes. A coisa que provavelmente me fez mais feliz... eu diria que foi o nascimento do meu filho e o casamento com a minha mulher, essas são as minhas maiores conquistas na vida. Eu toco bateria profissionalmente desde os dois anos e seis meses, então eu toquei bateria a minha vida toda. Quando fazes algo desta forma, é como andar e respirar, eu não penso em tocar bateria como uma conquista. Eu acho que é algo que tenho feito e sou abençoado por fazê-lo e por poder ver o mundo, apesar de ainda não ter ido a Portugal. A minha maior conquista e vitória, diria que é de este ano estar a celebrar vinte e cinco anos de casamento e os vinte e três anos do meu filho, então sinto-me orgulhoso nessa questão.

**Constança Simoes:** Have you ever gone through a hard time when you thought you might quit music? If not, what advice would you give to a talented musician who might give up on their dream?

**Poogie Bell:** Well, damn! I'll put it to you this way. I was working with Chaka Khan and we were supposed to go to Japan on a tour. The day we were supposed to leave for the tour, I get a call from the bass player who told me, "Chaka Khan has hired a new drummer and you're fired." So, I asked, "What did I do?" He said, "Well, she's Chaka, so she decided she wanted somebody else." Okay, so it was like that and I hung up the phone. This was during my previous marriage, and then I

hear a knock at the door. I go to the door. I answer the door. The man says, "Hey, this is your electric bill." I go, "That's weird." He said, "You're being served." So, I got served with divorce papers from my ex-wife that day. I lost my job and I lost my wife all in the matter of twenty minutes. So, the first thing I did was I went to a pawn shop and I sold my wedding band and then I took the money and paid a bill and I just kept going. If you're going to be a musician, you have to be half crazy and if you're afraid to go to a ledge of a mountain, and I mean literally to go to an edge of a mountain and lean out as far as you can and hold your balance, well, that's what it's like being a musician. You gotta just stay there. You got to balance yourself, you know? It's a very, very hard life and most people shouldn't do it. You know, they should get a job... get a real job! I would say to the young musician that is thinking of giving up on his dream that unless... I don't even know... I don't even know what I would say to that guy. I don't know if I could say to that guy, "No way, you can't give up man, because tomorrow could be the day!" Pushing sixty-five, I don't know if I could say that to somebody now. When I was in my twenties, I would probably have said that to somebody, but now, in the condition that the world is in, if you don't think music is for you, well you're personal happiness and the love of yourself is more important than any dream, and being healthy and being mentally healthy is more important. You don't want to allow music, or anything, to put you in a mental place that you can't escape. I don't know what I would say to a person now if they said to me, "I'm going to give up." Not to be a pessimist, but to be honest, I don't know. I care too much about people and good people... I just care too much and I don't know if I could tell someone who's going to give up on their dream to not give up on their dream. Maybe they should try something else, especially if it might make them happy.

**Constança Simões:** *Passou por alguma etapa difícil, em que achou que ia desistir da música? Se não, que conselho daria a um músico talentoso que pondera desistir do seu sonho?*

**Poogie Bell:** *Bem, caramba! Vou explicar-te isto desta forma. Eu estava a trabalhar com a Chaka Khan e era suposto irmos ao Japão numa tour. No dia em que estávamos para partir para a tour, eu recebo uma chamada do baixista que me disse: "A Chaka Khan contratou um novo baterista e estás despedido." E eu perguntei: "O que é que fiz?" Ele disse: "Bem, ela é a Shaka, então ela decidiu que queria outra pessoa." Okay, foi assim e desliguei a chamada. Isto foi durante o meu anterior casamento, e depois ouço alguém a bater à porta. Abro-a e o senhor diz: "Ei, esta é a tua conta da eletricidade." E eu digo: "Isso é estranho." Ele disse: "Está a receber uma notificação judicial." Nesse dia recebi a notificação dos papéis do divórcio da minha ex-mulher. Perdi o meu emprego e a minha mulher numa questão de vinte minutos. A primeira coisa que fiz foi ir a uma loja de penhores, onde vendi a minha aliança de casamento. Peguei no dinheiro, fui pagar a conta e apenas continuei. Se queres ser músico/artista, tens de ser meio maluco e se tens medo de ir para a beira de um penhasco, e digo isto literalmente, e inclinares-te o mais para a frente*

*possível e manter o equilíbrio, bem, é assim que é ser músico. Tens de conseguir ficar só ali. Tens de ter equilíbrio sobre ti, sabes? É uma vida muito, muito difícil e a maioria das pessoas não a devia seguir. Deviam arranjar um trabalho... um trabalho a sério! Eu diria ao jovem músico que está a pensar em desistir dos seus sonhos que, a menos que... Nem eu sei... Nem sei o que lhe diria. Não sei se lhe conseguia dizer: "Nem penses, não podes desistir, porque amanhã pode ser o dia!" Com 65 anos, não sei se conseguia dizer isso a alguém agora. Quando tinha os meus vinte anos, eu provavelmente teria dito isso a alguém, mas agora, nas condições em que o mundo se encontra, se achas que a música não é para ti, a tua felicidade e o teu amor próprio são mais importantes do que qualquer sonho. Ser saudável física e mentalmente é mais importante. Não podes deixar que a música, nem nada, te ponha num estado mental ao qual não podes escapar. Não sei o que diria a uma pessoa agora se me dissessem: "Vou desistir." Não querendo ser pessimista, mas para ser honesto, não sei. Preocupo-me demasiado com as pessoas, especialmente com as boas... preocupo-me demasiado e não sei se conseguia dizer a alguém que vai desistir do seu sonho para não desistir dele. Talvez possam tentar outra coisa, especialmente se isso a puder fazer feliz.*

**Rita Carneiro:** *What is your motivation to keep going? Has it changed over the last fifteen years?*

**Poogie Bell:** *The motivation to keep going is my love of my life and the love of music. Without music, I don't know where I would be, or who I would be, or what I would be. So many black men in America end up in bad situations... bad situation based on their skin color in this country. When I was a kid in New York, I knew some rotten kids... you know, they were just rotten. They would go rob people and were just New York City kids. They were rotten and they would say, "Hey man, we're going to go do this," and it would be something rotten, and I would be like, "No man, I can't hang with you guys. I got to go home and practice drums." They would say, "Oh man, whenever we go to start doing some dirt, you always say you gotta practice your drums." And I was like, "Yup! And I'm going to keep saying that. So, music and my drums saved me. I don't know what I would be or who I would be without music. My current wife, I met her at the Blue Note in Fukuoka in Japan, and I walk out of the dressing room, and my future wife was going to the ladies room and I looked at her and said, "Hey, you're cute!" And she said, "Well, I think you're cute too!" I said, "Well, you want to go have lunch tomorrow?" She said, "Yeah!" So, if not for music, I never would have met my wife. I wouldn't have this house I live in now. I wouldn't have a beautiful son. Music did that for me. Real talk.*

**Rita Carneiro:** *Qual é a sua motivação para continuar? Será que mudou nos últimos 15 anos?*

**Poogie Bell:** *A minha motivação para continuar é o amor da minha vida e o meu amor pela música. Sem a música, não sei onde estaria, ou quem seria ou o que seria. Tantos homens negros nos Estados Unidos acabam em situações más... situações horríveis baseadas na cor da sua pele. Quando eu era criança*

*em Nova Iorque, conhecia uns miúdos endiabrados... sabem, eles eram apenas horríveis. Eles roubavam as pessoas, e eram apenas crianças de Nova Iorque, eram horríveis. Eram do pior e eles diziam, "Ei, meu, nós vamos fazer isto!" E, era algo horrível, e eu respondia, "Não meu, não posso estar convosco. Tenho de ir para casa praticar a bateria." Eles diziam-me, "Oh, meu, de cada vez que nós vamos causar problemas, tu dizes sempre que tens de ir praticar bateria." E, eu ficava do tipo, "Yha, e vou continuar a dizer isso." Então, a música e a minha bateria salvaram-me. Eu não sei o que seria ou quem seria sem a música. A minha mulher atual, que eu conheci no Blue Note em Fukuoka, Japão. Quando eu sai do camarim, a minha futura mulher ia à casa de banho, eu olhei para ela e disse, "Hei, tu és gira!" E ela disse, "Bem, eu também te acho fofo!" Eu disse, "Bem, queres ir almoçar amanhã?" Ela respondeu, "Sim!" Então, se não fosse pela música, eu nunca teria conhecido a minha futura esposa. Eu não teria esta casa onde vivo. Eu não teria um filho lindo. A música fez isso para mim. Simceramente.*

**Rita Carneiro:** *How has your approach to working with women changed over the years? What have you learned by working with women?*

**Poogie Bell:** *What I have learned working with women? I have learned that they can be incredible bosses. So, I worked for a singer named Phyllis Hyman. I also worked for a singer named Randy Crawford. I worked for one named Chaka Khan, and Erykah Badu, Roberta Flack, Vanessa Williams. All the women that I've worked for, except maybe Erykah, a little bit, were great, great bosses and motivated me. To be on a stage with a voice like Chaka Khan, whose voice has so much power and range and so much everything, you have to play and you have to really perform. This is commercial music, but you gotta play. So, it was inspiring to work with her and to be around her. She was the first superstar I ever worked with and I was in awe. I remember the first show I did with her. I listened to the show tapes all night long. I didn't sleep. I stayed up and listened to this cassette over and over and over and over. I got to the stage. I had no energy... nothing! I played the first song... I can't remember it. I'm on a 100. I'm driving as fast as I can, and then the song ended and then I looked over the setlist and I went, "Oh, shit! There's twenty more songs!" I'll never forget that for as long as I live. I thought I was going to die! I was like, "Oh man, come on, pull it together! You're on stage with Chaka Khan! I've always wanted to be on stage with Chaka Khan!" She pulled stuff out of me that I didn't even know I had in me. Women make good bosses, but I haven't really worked with many female musicians though Cindy Blackman Santana, when she was going to Berklee... when she started coming down to New York... we weren't dating or anything, but she would come and stay with me at my apartment and we would play in the apartment sometimes, but I've never really worked in a band... well, that's not true, Chaka's first band, the piano player was a musical director and her name was Lizette Wilson and she made a record on Atlantic Records. You should find it, because it's a really good record. But, as a whole, women*

*are great bosses... Chaka was a great boss, working with Erykah in the beginning was okay, but as the fame started to come, things started to get a little weird. So, I remember the last show I did with her, Oprah Winfrey Show or some TV show, and after that I went to work with Roberta Flack for about a year and a half, and I was so happy to be working with Roberta Flack, because it was like graduating high school and going to college. With Erykah, the image you saw on the stage and what happened behind the scenes really didn't have anything to do with each other. It was pretty childish a lot of times and a little disappointing, but Roberta was great and an amazing boss. She was an amazing boss, because she required that you play whisper soft with the intensity as if you were playing at full volume. Most singers sing with the microphone in their faces, but Roberta was singing with the microphone far away from her face, so you had to play very, very soft. It was the only gig I've ever done where I didn't sweat during the gig while I was playing drums, which was crazy, but it was such a good lesson to learn to play that softly and intently, and she taught me that and she also would do something else, because she was an old-school artist and she had so many people messing with her money, so when you walked out on stage, Roberta was standing by the stage door and she handed you a check, and she paid you as you walked to the stage. I was like, "Wow! I've never experienced that before!" But I knew it was because she had dealt with people over the years not paying here or taking the money, you know what I mean? Give you an example, The Isley Brothers, Ronald Isley... we did a gig opposite the Isley Brothers in Jamaica. He made them pay him in cash and he kept the cash with him in a briefcase and he took it up on the stage with him. So, old-school people really went through a lot... black Americans, to get paid and to be treated with some sense of decency.*

**Rita Carneiro:** *Como é que a sua abordagem, ao trabalhar com mulheres, mudou ao longo dos anos? O que você aprendeu, ao trabalhar com mulheres?*

**Poogie Bell:** *O que eu aprendi ao trabalhar com mulheres? Eu aprendi que elas podem ser chefes incríveis. Então, trabalhei para uma cantora chamada Phyllis Hyman. Também trabalhei para uma cantora chamada Randy Crawford. Trabalhei para uma chamada Chaka Khan e Erykah Badu, Roberta Flack, Vanessa Williams. Todas as mulheres para quem trabalhei, exceto talvez Erykah, eram ótimas, ótimas chefes e motivaram-me. Para estar num palco com uma voz como Chaka Khan, cuja voz tem tanto poder e alcance e tanto de tudo, tu tens de tocar e tens de realmente te apresentar. Isso é música comercial, mas tens de tocar. Então, foi inspirador trabalhar com ela e estar perto dela. Ela foi a primeira superestrela com quem trabalhei e fiquei maravilhado. Lembro-me do primeiro show que fiz com ela. Eu escutei as fitas do programa a noite toda. Não dormi, fiquei acordado e ouvi essa fita cassette várias e várias vezes. Eu cheguei ao palco, não tinha energia... nada! Toquei a primeira música... Não me consigo lembrar. Estou a 100 à hora. Estou a conduzir o mais rápido que posso, e então a música terminou e foi quan-*

do olhei o setlist e pensei: “Oh, merda! Há mais vinte músicas!” Eu nunca vou esquecer isso enquanto viver. Pensei que ia morrer! Eu estava tipo, “Oh cara, vamos lá, recompõe-te! Está no palco com Chaka Khan! Eu sempre quis estar no palco com Chaka Khan!” Ela tirou coisas de mim que nem sabia que tinha. Mulheres são boas chefes, mas eu realmente não trabalhei com muitas artistas femininas, embora Cindy Blackman Santana, quando ela estava a ir para Berklee... quando começou a vir para Nova Iorque... não namorávamos nem nada, mas ela vinha e ficava comigo no meu apartamento e tocámos no apartamento às vezes, mas nunca trabalhei numa banda... bem, isso não é bem verdade. Na primeira banda da Chaka, a pianista era diretora musical e chamava-se Lizette Wilson, e ela chegou a lançar um disco pela Atlantic Records. Devias procurar esse disco, porque é mesmo muito bom.

Mas, no geral, as mulheres são ótimas líderes... a Chaka era uma excelente chefe. Trabalhar com a Erykah no início foi tranquilo, mas à medida que a fama começou a crescer, as coisas começaram a ficar um pouco estranhas. Lembro-me do último espetáculo que fiz com ela — foi no programa da Oprah Winfrey ou noutro programa de televisão — e depois disso fui trabalhar com a Roberta Flack durante cerca de um ano e meio. Fiquei muito feliz por trabalhar com a Roberta Flack, porque foi como terminar o liceu e entrar na universidade.

Com a Erykah, a imagem que se via em palco e aquilo que acontecia nos bastidores não tinham muito a ver uma coisa com a outra. Muitas vezes era bastante imaturo e um pouco dececionante. Mas a Roberta era fantástica, uma chefe incrível.

Era uma chefe extraordinária porque exigia que tocases muito, muito suavemente, quase num sussurro, mas com a mesma intensidade como se estivesses a tocar em volume máximo. A maioria dos cantores canta com o microfone junto ao rosto, mas a Roberta cantava com o microfone afastado, por isso tinham de tocar mesmo muito baixo. Foi o único trabalho que fiz em que não suei enquanto tocava bateria — o que é incrível — mas foi uma lição excelente aprender a tocar com tanta suavidade e intenção.

E ela também fazia outra coisa: como era uma artista da velha guarda e tinha tido muitas pessoas a mexer no dinheiro dela ao longo dos anos, quando saías para o palco, a Roberta estava junto à porta e entregava-te um cheque — pagava-te à medida que ias entrar em palco. Eu pensei: “Uau, nunca tinha visto isto!” Mas percebi que era porque ela já tinha lidado com pessoas que não pagavam ou que ficavam com o dinheiro, percebes?

Dou-te um exemplo: os The Isley Brothers, o Ronald Isley... fizemos um espetáculo na Jamaica em que estávamos em cartaz com eles. Ele exigiu que lhe pagassem em dinheiro e guardou o dinheiro numa pasta que levou consigo para o palco.

Portanto, os artistas da velha guarda passaram mesmo por muito... especialmente os afro-americanos, para conseguirem ser pagos e tratados com algum nível de dignidade.

**Rita Carneiro:** We watched this video from Germany titled “Jazzrock TV #53 Poogie Bell Band. We liked this song you are watching with us right now. Can you tell us about it?

**Poogie Bell:** It’s a Roy Hargrove song that Bernard Wright wrote. It is on Roy’s record with his group The RH Factor. So, that’s a song we played at that gig. It’s not one of my songs. The song is on a record called *Hard Groove* and it’s the title track “Hardgroove”.

**Rita Carneiro:** Nós vimos este vídeo da Alemanha intitulado “Jazzrock TV #53: Poogie Bell Band. Gostámos desta música que está a assistir connosco agora. Pode falar sobre ela?

**Poogie Bell:** É uma música do Roy Hargrove, que foi escrita pelo Bernard Wright. Ela está no álbum do Roy, com o seu grupo The RH Factor. Por isso, essa é uma música que nós tocámos nesse concerto. Não é uma das minhas músicas. A música está num álbum chamado *Hard Groove* e o nome da faixa também é “Hardgroove”.

**Yuri Sundermeyer:** We have interviewed two Japanese musicians. We have noticed that you have Japanese connections. When did that start? Also, according to the Internet, Japan has loved jazz since the 1920s. As a musician who has been there, would you agree with the Internet on that one? Do you feel the Japanese and their love of jazz is obvious to outsiders?

**Poogie Bell:** I think that the Japanese love of jazz would be very clear and apparent to anyone who would ever visit Japan. It’s impossible, literally impossible, to go someplace and not hear real jazz. I mean, like at a breakfast place will have real jazz playing... a convenience store, a 7-11, will have real jazz playing. In Japan, they have listening bars. They literally drink and listen to music at a bar. So, the Japanese people... I’ll put it this way, on the trip I took before my last one, we went to a little jazz club in Tokyo and I sat in and we were playing jazz and just at the end I started to play a little bit of a funky beat.

You should have seen the look on the people’s faces, like don’t you bring that stuff in here... like, “We play jazz in here.” All I could do was laugh... I thought it was funny. The Japanese people love jazz and it’s a shame that jazz is respected almost every place in the world but America. Every place in the world, but America... it’s a crazy anomaly. It really is. But, Japanese people love jazz.

**Yuri Sundermeyer:** Já entrevistámos dois artistas japoneses e notámos que tem ligações com o Japão. Quando é que isso começou? Para além disso, de acordo com a nossa pesquisa, o Japão gosta de jazz desde os anos 20. Como artista que já lá esteve, concorda com a nossa pesquisa? Acha que o amor dos japoneses pelo jazz é óbvio, visto de fora?

**Poogie Bell:** Acho que o amor dos japoneses pelo jazz é bastante aparente, para quem visita o Japão. É impossível, literalmente impossível, ir a algum lado e não ouvir jazz a sério. Quer dizer, num lugar em que servem pequenos almoços vai-se ouvir jazz a tocar... numa loja de conveniência, uma 7/11, vai ter jazz real a tocar. No Japão, eles têm bares só para ouvir música, literalmente bebem e ouvem música nesse bar. Então, os japoneses... Vou explicar-te assim, na minha penúltima viagem, fomos a um pequeno bar de jazz em Tóquio e eu fui convidado para tocar. Estávamos a tocar jazz e, mesmo no final, comecei a tocar uma batida funk. Deviam ter visto a reação das pessoas, tipo “não tra-

gas isto para aqui”... do género “Nós tocamos jazz aqui”. Eu só conseguia rir-me... achei engraçado. Os japoneses adoram jazz e é uma pena que o jazz seja respeitado em quase todos os sítios do mundo, menos na América. Todos os lugares do mundo, tirando a América... é uma anomalia esquisita, realmente, mas os japoneses adoram jazz.

**Mariana Lopes:** Has love ever inspired you to compose a song? Who was the song about or dedicated to?

**Poogie Bell:** Oh, yeah. I have a song called “I Believe” that was written for my wife and it’s on a record. It hasn’t come out yet. It’s by an artist named Kenny Peeler and I wrote the lyrics to the song and the song is all about her essentially. I know I sound like a lovesick puppy dog. I would sing the chorus for you, but I can’t sing. She’s a huge inspiration.

**Mariana Lopes:** O amor já o inspirou a escrever alguma canção? Para quem ou sobre quem era?

**Poogie Bell:** Ah, sim. Tenho uma música chamada “I Believe” que foi escrita para a minha mulher e está num álbum *Ainda não saiu*, na verdade. É de um artista chamado Kenny Peeler e eu escrevi a letra da música, que é toda sobre ela, essencialmente. Sei que pareço caidinho de amores. Se pudesse, cantava-vos o refrão, mas não sei cantar. Ela é uma grande inspiração.

**Constança Simões:** Are you nostalgic? Do you like to go back and watch yourself playing in old videos or on old recordings? How does it make you feel?

**Poogie Bell:** Okay, it’s probably the last thing I ever do... listen to myself on any record I’ve played on or even the records that are my own records. I never watch any of those videos on YouTube, especially that video we just saw. I was close to three hundred pounds. I’ve lost 75 to 80 pounds since then, so when I look at those old pictures of myself and old videos, I look at a person who’s not trying... that really didn’t love himself as much as he should, so I don’t go back and look at those old videos of myself. I find them kind of depressing to be honest with you. The records... it doesn’t make any sense to go back and listen to those records, because I’m never going to play that again. It doesn’t matter. I’m never going to be able to recreate any of that and I wouldn’t really want to either. It’s a period of time that happened. The Neo soul thing with Erykah that was a period of time. The music I made with Marcus was also a period of time, and then you just move on. Because my sight reading of music isn’t very good, I have to memorize music, so I have to listen and have to memorize, so when a job ends, it’s like I hit delete. It’s like I don’t know that music anymore. Whatever my next gig is, that’s what’s going to fill up my head. Unless it’s a gig, for example, I worked with a guy here in America named Alex Bugnon. He’s a piano player and we’ve worked together since we worked with an R&B singer named Freddie Jackson in the 1980s. I’ve known Alex Bugnon for years and years and years, so every now and then I go out and play with him. So, his music kind of stays in the peripheral of my mind, but when a gig ends, for me the gig is over and I’m going on to the next thing and I don’t go back.

**Constança Simões:** É uma pessoa nostálgica? Gosta de voltar atrás e ver-se a tocar em vídeos ou gravações antigas? Como é que isso o faz sentir?

**Poogie Bell:** Ok, essa é provavelmente das últimas coisas que faço... ouvir-me a tocar em qualquer canção que toquei, até mesmo as minhas próprias canções. Nunca vejo nenhum desses vídeos no YouTube, especialmente esse que acabámos de ver. Pesava cerca de 130 kg. Perdi 35 kg desde aí, então quando olho para essas minhas fotos antigas e esses velhos vídeos, vejo uma pessoa que não tenta... que realmente não se amava tanto quanto devia, então nunca vou ver esses velhos vídeos de mim próprio. Até os acho um pouco depressivos, para ser honesto. As canções... não me faz sentido voltar atrás e ouvi-las, porque nunca mais as vou voltar a tocar. Não importa. Nunca mais vou ser capaz de recrear nada disso e também não quereria nada disso. Foi um período de tempo que aconteceu. A cena Neo soul com a Erykah foi um período de tempo. A música que produzi com o Marcus também fez parte de um período de tempo, e depois seguimos em frente. Como a minha leitura, à primeira vista, de partituras não é muito boa, tenho de memorizar as canções, então tenho de ouvir e decorar. Quando um trabalho termina, é como se eu carregasse no botão de apagar. É como se eu já não soubesse essa música. Qualquer que seja o meu próximo trabalho, é isso que vai encher a minha cabeça. A menos que seja uma apresentação, por exemplo, trabalhei com um tipo aqui na América chamado Alex Bugnon. Ele é pianista e trabalhamos juntos desde que nos conhecemos no trabalho de um cantor de R&B chamado Freddie Jackson nos anos oitenta. Conheço o Alex Bugnon há muitos anos, então de vez em quando juntamo-nos e vamos tocar. Assim, as suas músicas ficam no periférico da minha mente, mas quando uma apresentação acaba, acaba definitivamente e sigo em frente para a próxima.

**Yuri Sundermeyer:** I was reading about Joe Zawinul and he said that when you’re inspired, you really don’t know what’s going on because rational thinking stops at the moment when improvisation starts and analysis comes later. What do you think of that?

**Poogie Bell:** Well, I knew Joe Zawinul and he was a really, really special musician. I wrote a song for Joe Zawinul and it’s called “Dinner Mit Joe”. Anything Joe says, I agree with. He was such a great musician and such a great person. I sat down with him at this restaurant in the middle of Europe, and it was just me and him and we had dinner and he started telling me about the times that he lived in New York with Joe Williams and other people you wouldn’t know. It was magical to have dinner with one of your heroes. So, anything that Joe said about anything that has anything to do about music... trust me, Joe’s right. Just agree with him.

**Yuri Sundermeyer:** Estive a ler sobre o Joe Zawinul e ele disse que quando você está inspirado, realmente não sabe o que se passa, porque os pensamentos racionais param no momento que a improvisação começa e a análise vem depois. O que pensa disso?

**Poogie Bell:** Bem, eu conhecia o Joe Zawinul e ele era um artista muito, muito especial. Escrevi-lhe uma música que se chamava “Dinner Mit Joe”. Qualquer coisa que

ele diga, eu concordo. Ele era um artista incrível e uma pessoa excelente. Eu sentei-me com ele num restaurante no meio da Europa, e era só ele e eu a jantar, quando começou a contar-me dos tempos em que ele viveu em Nova Iorque, com o Joe Williams e outras pessoas que não vão conhecer. Foi mágico jantar com um dos nossos heróis. Então, qualquer coisa que o Joe tenha dito sobre música... acredita em mim, ele está certo. Concordo apenas com ele.

**Rita Carneiro:** It looks like you have had a long career. When you think of your legacy, is it more in terms of the music that you made that will live on, or more the lives you have touched through your work?

**Poogie Bell:** Wow Rita, I hope it's all of the above. I just recently was speaking of legacies with someone. My son is definitely going to be a part of that. I recently started a record company. I worked out a deal with a company in Hamburg, Germany. I have three artists signed and it's pop/R&B music, so black music. Sony's The Orchard system is going to do my digital delivery. So, I want my tombstone to say that I did more than just play the drums really well. So, I want to leave something behind that will keep going on for a while. At least leave something for my son... a business that if he decides to keep running it, that's great, or if he decides to

sell it, that's great. I hope people will remember me as a humanitarian and a good person and that would be my legacy.

**Rita Carneiro:** Parece que teve uma carreira longa. Quando pensa no seu legado, é mais em termos da música que fez e que vai continuar a existir, ou mais nas vidas que tocou através do seu trabalho?

**Poogie Bell:** Uau Rita, espero que seja tudo isso. Recentemente, estive a falar sobre legados com alguém. O meu filho vai definitivamente fazer parte disso. Comecei recentemente uma editora discográfica. Fiz um acordo com uma empresa em Hamburgo, na Alemanha. Tenho três artistas contratados e é música pop/R&B, portanto, música negra. O sistema "The Orchard da Sony" vai tratar da minha distribuição digital. Por isso, quero que na minha lápide esteja escrito que fiz mais do que apenas tocar bateria muito bem. Quero deixar algo ao meu filho, um negócio que, se ele decidir continuar a geri-lo, ótimo, ou se decidir vendê-lo, também está ótimo. Espero que as pessoas se lembrem de mim como um humanitário e uma boa pessoa, e esse seria o meu legado.

**Mariana Lopes:** I was reading about the USA and the city of Memphis. Have you heard of Beale Street? Is it famous only regionally or is it known of nationally?

**Poogie Bell:** Beale Street is the music

street of Memphis. There's a row of clubs, which I think are on either side of the road. They're a little bit of everything, but mostly blues. So, as a tourist destination in Memphis, Tennessee, Beale Street is one of the biggest. Beale Street... it's cool... it's a vibe. Memphis is very, very slow compared to other American cities. Like, I live in Pittsburgh and it's very, very slow compared to New York. Not a lot of action in Pittsburgh and Memphis is kind of like that, but Beale Street is nice and I think you'd like it.

**Mariana Lopes:** Estive a ler sobre os EUA e a cidade de Memphis. Já ouviu falar da Beale Street? É uma rua conhecida apenas na região ou é conhecida a nível nacional?

**Poogie Bell:** A Beale Street é a rua da música de Memphis. Há uma fila de clubes que penso que ficam em ambos os lados da estrada. Eles são um pouco de tudo, mas principalmente Blues. Portanto, como destino turístico em Memphis, no Tennessee, a Beale Street é uma das maiores atrações. A Beale Street... é fixe... tem uma vibe. Memphis é muito, muito calma comparada com outras cidades americanas. Por exemplo, eu vivo em Pittsburgh e é muito, muito calma, comparada com Nova Iorque. Não há muita ação em Pittsburgh, e Memphis é um pouco assim, mas a Beale Street é agradável e acho que ias gostar.



**Our timing was perfect, as Poogie gave us an early look at his new record label, which has just begun introducing its artists and upcoming releases. We look forward to hearing the great music that will come from Sugatop Music.**

**O nosso timing não podia ter sido melhor, já que o Poogie nos deu a conhecer o seu novo selo discográfico, que começou recentemente a apresentar os seus artistas e próximos lançamentos. Esperamos ouvir muita boa música a surgir da Sugatop Music.**

Datasheet / Ficha Técnica

Coffee Time News - June/Junho 2026

E-mail - lisbonchicago@gmail.com

Site - www.coffee-time-news.org

Instagram - coffee\_times\_news

Director / Diretor - Editor - Clifton Sundermeyer

Contributors / Colaboradores



Cauã Lana



Constança Simões



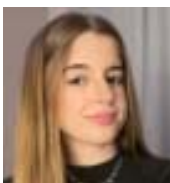
Margarida Mesquita



Maria Calado



Mariana Lopes



Rita Carneiro



Tomás Barejo



Yuri Sundermeyer

Pagination / Paginação - Print / Impressão - Imprime Artes Gráficas



Tel./Fax (+351) 242 206 869 | Tlm (+351) 938 909 537  
Rua Condes da Torre, 15 | 7400-308 Ponte de Sor, Portugal  
[www.pocsor.com](http://www.pocsor.com) | [facebook.com/pocsor](https://facebook.com/pocsor)



Chicago Institute of Studies  
Instituto de Estudos Chicago  
**Learn More English**  
**Aprenda mais Inglês**

✉ [lisbonchicago@gmail.com](mailto:lisbonchicago@gmail.com)



**BAIRRO DA SAÚDE**

A Farmácia Matos Fernandes está mais próxima dos utentes em:

[www.bairrodasaude.pt](http://www.bairrodasaude.pt)



Jardim-Escola João de Deus

Ponte de Sor



242 094 750  
925 486 635



[pontesor@escolasjoaodeus.pt](mailto:pontesor@escolasjoaodeus.pt)  
[www.joaodeus.com](http://www.joaodeus.com)



Avenida da Liberdade  
7400-217 PONTE DE SOR, PORTUGAL